



OBITUÁRIO

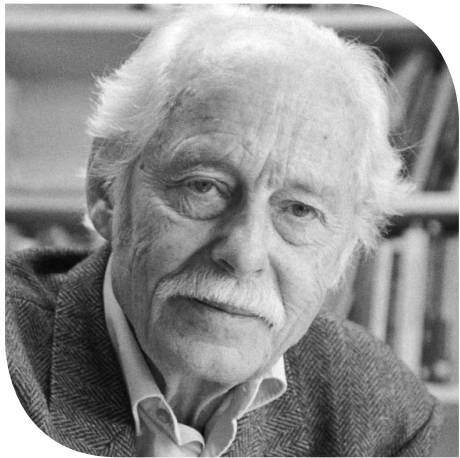
Fredrik Barth (1928-2016), por Luís Silva

Análise Social, 219, LI (2.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt





OBITUÁRIO

Fredrik Barth **(1928-2016)**

Fredrik Barth, de nome completo Thomas Fredrik Weybye Barth, foi uma figura cimeira da antropologia social da segunda metade do século xx. Nasceu em Leipzig, na Alemanha, a 22 de dezembro de 1928, quatro anos após a sua irmã Tone, no seio de uma família de intelectuais noruegueses, o geólogo e professor universitário Thomas Barth (1899-1971) e Randi Thomassen (1902-1980). Faleceu no passado dia 24 de janeiro, aos 87 anos de idade, deixando mulher (desde 1974), a professora de antropologia Unni Wikan, e cinco filhos, quatro dos quais são fruto do seu primeiro casamento (1949-1972), com Mary Allee (1926-1998).

Após completar o ensino primário e o secundário na Noruega, iniciou os estudos superiores (em antropologia e arqueologia) nos Estados Unidos da América, concretamente na Universidade de Chicago, em 1946, ano em que o pai começou a lecionar nesse estabelecimento de ensino. Aí obteve o grau de mestre em antropologia, com especialização em paleoantropologia, três anos depois. No entanto, viria a prosseguir os seus estudos em Inglaterra, primeiro em Londres, na London School of Economics, posteriormente em Cambridge. Na Universidade de Cambridge, obteve, influenciado por Raymond Firth (1901-2002) e sob a supervisão de Edmund Leach (1910-1989), o doutoramento em antropologia social, em 1957, com uma tese sobre organização política, intitulada *Political Organisation of Swat Pathans*, dois anos mais tarde transformada em livro, abaixo referenciado.

Foi professor na Universidade de Bergen (1961-1972), onde fundou o departamento de antropologia, na Universidade de Cartum (1963-1964), no Museu Etnográfico de Oslo (1972-1985), na Universidade de Emory (1989-1996) e na Universidade de Boston (1997-2008), onde acabaria por terminar a sua carreira académica.

Enquanto etnógrafo, protagonizou uma longa – superior a meio século – e muito produtiva carreira. Publicou mais de 20 livros, cerca de 40 artigos em revistas especializadas e aproximadamente 50 capítulos de livros, tendo desenvolvido trabalho de campo numa dezena de contextos à escala mundial: da Noruega ao Iraque, o Irão, o Paquistão e o Curdistão, passando pelo Sudão, o Bali, Omã, a Papua Nova Guiné e o Butão, habitualmente junto de grupos nómadas/tribais. Era muito ágil na aprendizagem de línguas e tinha uma habilidade empática para aprender os modos de vida daqueles que estudava, independentemente das (amiúde duras) condições em que viviam. Desde meados da década de 1970, a mulher, Unni Wikan, acompanhou-o em quase todos os seus trabalhos de campo.

A obra científica de Barth, para além da escrita fluente e da riqueza etnográfica que nela se encontra, caracteriza-se por uma combinação exemplar de teoria e empiria, incluindo inovação teórica a partir de materiais etnográficos. Tal como Bronisław Malinowski (1884-1942), Barth privilegiou o estudo dos processos culturais, particularmente o modo como os indivíduos manipulam as normas/regras sociais e os seus resultados. Inspirado pela microssociologia de Erving Goffman (1922-1982), sobretudo pelo texto *The Presentation of Self in Everyday Life* (1959)¹, Barth dedicou especial atenção ao estudo das relações entre o nível microscópico das relações interpessoais e o nível macroscópico das formas/sistemas sociais.

Num dos seus primeiros estudos, o livro *Political Leadership among Swat Pathans* (1959), considerado um clássico da antropologia política, Barth aborda a organização política entre os Pathans do vale do Swat, no Paquistão. Fá-lo mediante a análise da constituição de autoridade política e de organizações sociais a partir de conjuntos de relações pessoais. Barth centra-se na autoridade e poder políticos dos dois grupos influentes, os chefes e os santos mediadores dos Pathans. O estudo mostra que, no contexto em causa, a vida política tem uma configuração em círculos, não inteiramente concêntricos, mas sim dinâmicos, de curto prazo, atravessando círculos de interesse e acesso a ganhos pessoais através de contrato e conduta, bem como subdivisões geográficas e hereditárias de conjuntos de indivíduos, uns permanentes, outros mais variáveis. Daí que, na sua ótica, em sociedades tribais, a chave para a

1 Publicado no Brasil pela Editora Vozes.

compreensão das relações e da autoridade políticas reside, não na estrutura social, mas sim em escolhas e iniciativas estratégicas dos indivíduos, tendo em vista a maximização de benefícios. Consequentemente, a solidariedade em que assenta uma sociedade é fruto, não de uma “solidariedade mecânica”, como advogavam alguns antropólogos africanistas da altura, seguidamente identificados, mas antes de “opções estratégicas individuais”.

Entretanto, só uns anos depois, no livro *Models of Social Organization* (1966), é que viria a construir uma reflexão de cunho mais teórico. Nele, Barth começa por distanciar-se das abordagens à estrutura social, dos modelos de inspiração durkheimiana, então em voga na antropologia social britânica, protagonizadas por Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955), Edward Evans-Pritchard (1902-1973) e Meyer Fortes (1906-1983), entre outros. No seu entender, a antropologia não deve preocupar-se (mais) com a descrição e a análise das formas/estruturas sociais, mas sim descrever e analisar os processos culturais/empíricos que dão origem às formas sociais. Para o efeito, propõe um “modelo”, designado de “generativo”, que, em determinadas circunstâncias, explicará o modo como são geradas as formas sociais.

Também conhecido por modelo transaccional, o modelo generativo parte do princípio de que, em “transacções” entre dois ou mais agentes/indivíduos, cada uma das partes procura assegurar que os ganhos são superiores às perdas. Na construção desta teoria, Barth faz uso de material etnográfico recolhido na Noruega e no Médio Oriente para mostrar como as pessoas que agem de acordo com este princípio, na interação com outras pessoas em determinadas circunstâncias, criam formas sociais relativamente duradouras. Mas também mostra que, se as circunstâncias mudam, a conduta dessas pessoas irá criar novas formas sociais. Note-se que Barth não concebia os indivíduos como sendo totalmente livres, previsíveis e racionais; ele advogava que os indivíduos manipulam os preceitos sociais a fim de maximizar proveitos, mas que o fazem sob a influência de uma série de fatores de ordem cultural, histórica e ecológica, havendo uma possibilidade constante de inovação. Este posicionamento teórico, que tem em conta a interação entre premissas, intenções e comportamento, permite-lhe explicar formas sociais concretas, como o padrão de relacionamento entre as tripulações dos barcos de pesca noruegueses, as relações entre os seguidores e líderes políticos dos Pathans do vale do Swat, bem como as diferenças entre os Basseri e os Curdos no que concerne a direitos de herança.

A preocupação barthiana com o estudo dos processos empíricos/culturais e o correlato trabalho de teorização surge igualmente na introdução à coletânea por si editada, *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference* (1969), um dos textos antropológicos mais citados de

todos os tempos.² Nele, Barth distancia-se da noção antropológica de que o grupo étnico dá origem a uma cultura, uma entidade delimitada, partilhada por todos os seus membros, e a uma sociedade, para sublinhar a centralidade que as interfaces e as fronteiras têm na criação e reprodução de identidade coletivas, isto é, o caráter relacional da etnicidade. Nesta perspetiva, as categorias étnicas e a diversidade cultural não derivam/dependem do “isolamento geográfico” e do “isolamento social”. Elas derivam/dependem de aspetos relacionais, concretamente da ativação de processos de “exclusão e incorporação” em determinados contextos empíricos.

Acresce não só que os grupos étnicos resistem à transposição das suas fronteiras por parte dos indivíduos, mas também que a etnicidade não implica a existência de laços primordiais. Com efeito, segundo Barth, a etnicidade é estratégica e voluntariamente ativada, ou não, por indivíduos e grupos de indivíduos em contextos de interação interétnica, por intermédio de processos contínuos de autodefinição e de definição por parte dos outros. Por esse motivo, considera que o estudo dos grupos étnicos deve passar, não pelo “conteúdo cultural” destes grupos, mas sim pelos processos de criação e reprodução, subjetiva e intersubjetiva, dos seus respetivos limites, das suas fronteiras. O tema da etnicidade será por si retomado num livro, baseado num trabalho de campo feito em Omã, *Sohar: Culture and Society in an Omani Town* (1983), mas também num capítulo, intitulado “Enduring and emerging issues in the analysis of ethnicity”, constante da coletânea *The Anthropology of Ethnicity. Beyond ‘Ethnic Groups and Boundaries’* (1994), editada por Hans Vermeulen e Cora Govers.

Já no livro *Ritual and Knowledge Among the Baktaman of New Guinea* (1975), com que culminamos este olhar, necessariamente sucinto, sobre a sua extensa obra publicada, Barth trata de examinar a influência que os sistemas de valores e conhecimento têm na ação dos indivíduos e nas suas visões da vida. A investigação incide sobre os Baktaman, um pequeno grupo constituído por menos de 200 pessoas que vivem num troço da floresta tropical no centro da Papua Nova Guiné e que, conseqüentemente, ainda não tinham sido “contaminadas” por influências exteriores, resultantes do contacto com o mundo moderno Ocidental. Neste trabalho, Barth mostra que o ritual, enquanto modo de comunicação, não só é caracteristicamente coletivo, como também assenta em metáforas e significados metafóricos. E sublinha que a análise antropológica dos códigos rituais não pode ser feita com recurso à metodologia, ou

2 Publicado no Brasil pela Contra Capa Livraria, no livro de Fredrik Barth, *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas* (2000), organizado por Tomke Lask e traduzido por John Comerford.

assentar em premissas extraídas, da análise dos códigos de linguagem, como pretendiam muitos antropólogos norte-americanos e os estruturalistas afetos à escola de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), nem o conteúdo material dos rituais pode ser verificado a partir de outras fontes, como os mitos e as exegeses.

Os seus textos deram um contributo muito significativo para o desenvolvimento da antropologia e da teoria antropológica e não só – abrindo caminho para a teoria da escolha racional e para a teoria da prática, mas também para novos domínios de saber, como a antropologia de fronteiras, implicando ainda com o estudo da etnicidade e da raça, a antropologia da nação e do nacionalismo, a antropologia económica e a antropologia do conhecimento – e irão seguramente continuar a servir de fonte de inspiração para antropólogos e outros cientistas sociais à escala mundial.

De resto, Fredrik Barth recebeu um amplo reconhecimento académico no decurso da sua vida, dentro e fora da Noruega. Foi membro da Academia Norueguesa de Ciências e Letras e, em 1997, foi nomeado Membro Honorário Estrangeiro da Academia Americana de Artes e Ciências. Outrossim, foi membro honorário da EASA, Associação Europeia de Antropólogos Sociais. Em 1996, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Edimburgo. Em 1998, foi galardoado com o prémio carreira, o *Lifetime Achievement Award*, da Comissão sobre Povos Nómadas da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas. Uma década depois, em 2008, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Bergen e, também, a Ordem Real Norueguesa de Santo Olav. Mais recentemente, em 2015, o Departamento de Antropologia Social da Universidade de Bergen assinalou o seu quinquagésimo aniversário com a criação de uma Conferência Honorária em honra do seu fundador, Fredrik Barth.³

3 Para uma visão mais pormenorizada sobre a vida e a obra de Fredrik Barth, sugere-se a consulta dos seguintes textos: Anderson e Haugane (2012); Barth (2007); Eriksen (2015 [2013]); Villar (2004).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDERSON, A., HAUGANE, F. (2012), *Fredrik Barth: A Bibliography*. Disponível em <http://www.ub.uio.no/om/forskning-prosjekter-publikasjoner/skrifter-ub/hefte09.pdf> [consultado em abril de 2016].
- BARTH, F. (2007), “Overview: sixty years in Anthropology”, *Annual Review of Anthropology*, 36, pp. 1-16.
- ERIKSEN, T. H. (2015 [2013]), *Fredrik Barth: an Intellectual Biography*, Londres, Pluto Press.
- VILLAR, D. (2004), “Uma abordagem crítica do conceito de ‘etnicidade’ na obra de Fredrik Barth”. *Mana*, 10 (1), pp. 165-192.